

A TRÍADE SEMIÓTICA

Linduarte Pereira Rodrigues¹

1. INTRODUÇÃO: EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO

A tripartição do sistema semiótico se dá em razão da verificação de uma regular representação de três signos em um mesmo componente. Na análise de Lopes (1977), este fenômeno é chamado de Proxiologia.

O homem e a religião são exemplos desse tipo de fenômeno. A ciência dividiu o homem em cabeça, tronco e membros; e o catolicismo dividiu Deus em Pai, Filho e Espírito Santo.

Na verdade, a religião é um bom exemplo para que possamos demonstrar como se dá essa divisão triádica dos fenômenos sógnicos abarcados pela ciência Semiótica.

Verdadeiro tabu para as pesquisas científicas, as religiões, tanto politeístas (Egípcios, Persas, Gregos), quanto monoteístas (Cristianismo, Islamismo), sempre tiveram em comum o aparecimento desse fenômeno.

No cristianismo, a representação do Deus todo poderoso dá-se através da soma de três signos, com sentidos independentes: o Pai, criador do céu e da terra; o Filho, braço direito do seu pai na composição e criação do universo; e um poder chamado de Espírito Santo, que emana do Pai e que é responsável pela criação do seu Filho, do universo e do homem, respectivamente.

Da soma desses três signos de sentidos diferentes (Pai, Filho e Espírito Santo), temos a composição de um outro signo (a “Santíssima Trindade”) que comporta dentro de sua significação a união dos sentidos desses três signos anteriores.

Porém, há uma grande discussão que não cala dentro das religiões de origem cristã. Para alguns cristãos, não faz sentido algum esta aglutinação objetivadora da composição de Deus. Para estes, Deus é “onipotente e onisciente”, e não se justifica a necessidade de somar a Ele um poder que já é seu, a saber, o Espírito Santo e o Filho que por ele foi criado. Acreditam estes cristãos, que fazendo isto, estaríamos partindo de um estado de adoração monoteísta, para um estado de adoração politeísta. Não teríamos um único Deus, mas uma tríade de deuses, assim como os egípcios, os gregos, os astecas...

Todavia, é de bom tamanho explicar que esse tipo de fenômeno se dá porque toda teoria procura reduzir, em maior ou menor grau, a multiplicidade e a complexidade universal em um todo ordenado possuidor de sentido.

2. UM BREVE HISTÓRICO DOS ESTUDOS TRIÁDICOS

A Semiótica apóia-se num esquema triádico. Isso ocorre em todos os setores da cultura humana e nos meios naturais. Para Prates (2003), a escolha dessas trindades, ou tríades como suportes classificatórios e categorizadores é bastante óbvia, e antecede em milênios a obra do estudioso mais inventivo deste fenômeno, o semioticista norte-americano Charles S. Peirce.

¹ Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

Essa tradição vem desde a antiguidade clássica, Platão, por exemplo, nas suas reflexões sobre a linguagem, já estudava as relações signícas e o signo em particular, buscando, no âmbito de uma semiótica filosófica, dividir o signo lingüístico em três partes.

Para Nöth (1995), Platão (427 - 347 ac) tratou de vários aspectos da teoria dos signos e definiu o signo verbal em significação, além de contribuir com idéias críticas para com a teoria, anteriormente, chamada de escritura.

No modelo platônico de signo, consegue-se observar claramente uma estrutura triádica, onde é possível distinguir os três componentes do signo:

- ✓ o nome (ónoma, nómos);
- ✓ a noção ou idéia (eîdos, lógos dianóema);
- ✓ a coisa (prágma, ousía) à qual o signo se refere.

No diálogo Crátilo, explica Nöth (1995: 28), Platão investigou a relação entre os nomes, as idéias e as coisas. Uma das questões levantadas foi se a relação entre nome, idéia e coisa é natural ou depende das convenções sociais, sendo, portanto, arbitrária. As respostas obtidas foram:

- ✓ signos verbais, naturais, assim como convencionais são apenas representações incompletas da verdadeira natureza das coisas;
- ✓ o estudo das palavras não revela nada sobre a verdadeira natureza das coisas porque a esfera das idéias é independente das representações na forma de palavras; e
- ✓ cognições concebidas por meio de signos são apreensões indiretas e, por este motivo, inferiores às cognições diretas.

Posterior ao pensamento platônico, Aristóteles (384 - 322 ac) descreveu o signo como uma premissa que conduz a uma conclusão (NÖTH, 1995: 29). Segundo o autor, Aristóteles chamou o signo lingüístico de Símbolo (symbolon) definindo-o como um signo convencional das afecções (patthémata) da alma, onde descreve essas afecções como retratos das coisas (Prágmata), sendo, dessa forma, o modelo do signo aristotélico, portanto, triádico.

Outro modelo triádico de signo é também a base da teoria do signo dos estóicos (300 ac - 200 dc), como bem explica Nöth (1995: 29). Para os estóicos, o signo consiste em três componentes básicos:

- ✓ semainon, que é o significante, a entidade percebida como signo;
- ✓ semainómenon, ou lékton que corresponde à significação ou significado; e
- ✓ tygchánon, o evento ou o objeto ao qual o signo se refere.

No iluminismo, os temas de maior relevo semiótico são a poesia, o mito, a metáfora, a língua e a evolução dos signos da humanidade. Um grande nome deste período de claridade foi Vico (1668 - 1774), ele acreditava em uma história ideal e eterna, na qual a humanidade teria passado por três fases de desenvolvimento:

- ✓ era divina;
- ✓ era heróica; e
- ✓ era humana.

Essas três fases ocorrem em ciclos que podem resultar em fases de retrocesso a estágios anteriores do desenvolvimento (NÖTH, 1995: 47).

Para este semiótico iluminista, enfatiza Nöth (1995: 47), durante a *era divina*, os homens acreditavam que tudo fosse Deus ou criado por um Deus. Seria, assim, a época da semiose ritual, marcada por atos religiosos mudos ou cerimônias divinas. Já durante a *era heróica*, o modo dominante de comunicação deu-se por meio de emblemas visuais, brasões, insígnias e outros signos de posse material. Idéias abstratas foram expressas na forma antropomórfica de heróis míticos. Enquanto que na terceira era - a *era humana ou dos homens* – passamos a viver a idade da razão e da civilização. Os signos, agora arbitrários, literais e abstratos, fazem com que entrem em declínio a poesia e a imaginação.

Dessa forma, nos moldes desta tríade criada por Vico, no intuito de organizar as fases do pensamento das civilizações humanas, as duas primeiras eras se apresentam como sendo os períodos de sabedoria poética onde as pessoas que nelas viveram foram consideradas como autênticos poetas. Para Vico, portanto, poesia, metáfora e mito são três formas arcaicas de pensamento. Ele acreditava que só na era dos homens, momento este que coincide com o atual sistema de coisas, é que se poderia falar em razão propriamente dita do pensamento humano. Assim sendo, nos perpassa Vico, que as duas fases que antecedem esta última, foram fases preparatórias, importantes, para a era humana e que por isso mesmo não poderiam deixar de existir antes da atual.

Ainda na Idade das Luzes, os filósofos franceses desenvolveram uma outra forma de empirismo conhecido pelo nome de sensualismo. A semiótica dessa época foi a tentativa de interpretação genética do processo da semiose.

O nome de referência desse momento é o do sensualista Condillac (1715 - 1780), o autor de *Essai sur L'origine* obra em que descreve a semiose como um processo genérico que começa em níveis primitivos e chega até níveis mais complexos. O mais primitivo deles, o ponto de partida para o conhecimento, é a sensação, a experiência sensual imediata; os níveis seguintes, pela ordem, são percepção, consciência, atenção, reminiscência, imaginação, interpretação, memória e reflexão (NÖTH, 1995: 48).

Condillac distinguiu, também, três categorias de signos:

- ✓ signos causais, que estabelecem conexões entre objetos e algumas de nossas idéias por meio de circunstâncias particulares;
- ✓ signos naturais, signos que a natureza estabeleceu para expressarmos sentimentos como o medo, a alegria, a dor etc; e
- ✓ signos por instituição, aqueles que escolhemos e que só têm uma relação arbitrária com as nossas idéias.

A partir do exposto, Nöth (1995), baseado nas reflexões em Condillac, explica:

Na gênese da cognição, considerando a escala que vai das sensações às reflexões, o signo só aparece ao nível da reminiscência. É apenas nesse estágio que começam a surgir os signos casuais (ou acidentais) e naturais. Antes de se chegar à reminiscência, a cognição se processa pré-semioticamente. Tal divisão é uma das primeiras tentativas de se estabelecer, na história da semiótica, o limiar dos signos, como reconhecerá U. Eco, mais tarde, no âmbito das pesquisas de uma semiótica genética (p. 49).

4. PEIRCE: A PAIXÃO PELO SIGNO

Em 1897, Peirce (1977) definiu a Semiótica como a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos. Segundo Jakobson (2001), tão grande e inventivo foi este estudioso, que universidade alguma de sua época lhe encontrou um cargo à altura. Um exemplo disso foi sua primeira tentativa de classificação dos signos, notável pela perspicácia, sobre uma nova lista de categorias. Essa publicação apareceu nas atas da Academia Norte-Americana das Artes e das Ciências do ano de 1867. O autor enfatiza que quarenta anos mais tarde, no resumo do trabalho de uma vida inteira sobre a natureza dos signos, Peirce escreveu:

Sou, tanto quanto sei, um pioneiro, ou antes, um desbravador, na empresa de limpar o terreno e traçar o caminho daquilo a que eu chamo semiótica, isto é, a doutrina da natureza essencial e das variedades fundamentais da semiosis possível; penso que o domínio é vasto demais e a tarefa imensa para um iniciador. (p. 99-100)

Reforça Jakobson (2001) que Peirce tinha a consciência aguda do caráter inadequado das premissas teóricas gerais sobre as quais se fundamentavam as pesquisas de seus contemporâneos. A consciência era tanta, que em 1903 ele se expressou com firme convicção que, se em vez de ter deixado cair no esquecimento a velha doutrina dos signos, Semiótica, houvéssemos empreendido sua elaboração com ardor e gênio, o século XX teria podido desde o princípio, dispor de ciências particulares de importância tão vital quanto foi a Lingüística, ciências que já estariam notavelmente mais avançadas do que se pode esperar.

Rodrigues (1992) observa que Peirce vivenciava intensamente a Semiótica, como é percebido em uma carta sua direcionada à Lady Welby:

Desde o dia em que, com doze ou treze anos, apanhei no quarto do meu irmão um exemplar da Lógica de Whately nunca mais fui capaz de estudar o que quer que fosse - matemática, moral, metafísica, gravitação, termodinâmica, fonética, economia, história das ciências, homens e mulheres, vinho, metrologia - senão como estudo de semiótica. (p. 89).

Como grande admirador dos estudos semióticos, Peirce dá à Semiótica um lugar de destaque dentre as ciências. Isso é perceptível neste outro fragmento de uma de suas cartas, dirigida a Lady Welby, na qual se verifica essa atenção especial ao signo.

Gostaria de lhe escrever a respeito dos signos que, para si como para mim, têm tão grande importância. Mais para mim do que para si, julgo eu. É que, penso eu, o mais elevado grau de realidade só é alcançado pelos signos, isto é, por idéias tais como a Verdade e o Direito e outras. Isto parece paradoxal; mas quando lhe expressar inteiramente a minha teoria dos signos, parecer-lhe-á menos. (RODRIGUES, 1992, p. 85)

Pignatari (1974), sensível em suas reflexões, observa a universalidade que o signo nos moldes peirceano pode alcançar e enfatiza que para este semioticista “todo pensamento é um signo e o próprio homem é o pensamento, ou em outras palavras, é o próprio signo (p. 25).”

3. A TRÍADE SEMIÓTICA DE PEIRCE

Saussure (1971), no *Curso de Lingüística Geral*, apegava-se numa díade para refletir a respeito do signo lingüístico. Santana (2001), afirma que enquanto Saussure aborda a problemática do signo, abolindo por completo o referente, bastando apenas a dicotomia significante / significado para constituir o signo lingüístico; Peirce considerava o signo, em sua teoria semiótica, como uma tricotomia: a palavra é um significante; a sua designação, o significado; e a coisa em si, o referente.

Segundo Nöth (1995: 63), filósofos desde Aristóteles têm perseguido o projeto ambicioso de limitar um número de categorias que servisse de modelo capaz de conter a multiplicidade dos fenômenos do mundo. Para o autor, Aristóteles conseguiu classificar dez categorias, Kant elaborou 12, todas com base no seu sistema filosófico. No entanto, Peirce, numa redução radical das listas categóricas do passado, desenvolveu uma fenomenologia de apenas três categorias universais que chamou de Firstness, Secondness e Thirdness, que traduzidas para o português resultou em primeiridade, secundidade e terceiridade.

- ✓ Primeiridade é a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. Como se expressava Peirce:

é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer. É a categoria do sentimento sem reflexão, da mera possibilidade, da liberdade, do imediato, da qualidade ainda não distinguida e da independência (Citado por NÖTH, 1995: 63).

- ✓ Secundidade começa quando um fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer. É a categoria da comparação, da ação, do fato, da realidade e da experiência no tempo e no espaço. Como preferia apresentar Peirce, citado por Nöth (1995: 64) "Ela nos aparece em fatos tais como o outro, a relação, compulsão, efeito, dependência, independência, negação, ocorrência, realidade, resultado".
- ✓ Terceiridade é a categoria que relaciona um fenômeno segundo a um terceiro. "É a categoria da mediação, do hábito, da memória, da continuidade, da síntese, da comunicação, da representação, da semiose e dos signos (Peirce, citado por NÖTH, 1995: 64)".

Assim sendo, temos em Nöth (1995) que a base do signo em Peirce é, portanto, uma relação triádica entre três elementos, dos quais um deve ser um fenômeno de primeiridade, outro de secundidade e o último de terceiridade.

Prates (2003) reforça que a filosofia peirceana procura entender a realidade de forma pansemiótica, ou seja, tudo como semioticamente analisável e classificável fenomenologicamente segundo três categorias: Primeiridade, ou categoria do desprevenido, da primeira impressão ou sentimento (*feeling*) que recebemos das coisas; Secundidade, ou categoria do relacionamento direto, do embate (*struggle*) de um fenômeno de primeiridade com outro, englobando a experiência analagística; e Terceiridade, ou categoria de inter-relação de triplo termo, interconexão de dois fenômenos em direção a uma síntese, lei, regularidade, convenção, continuidade, entre outros.

O autor explica que isso se dá da seguinte maneira: as qualidades puras, as que são imediatamente sentidas, são típicas da primeiridade. Aquelas relações diádicas, analítico-

comparativas, são exemplos de secundidade. Já as palavras, por remeterem algo para alguém, são fenômenos de terceiridade.

Numa fase pré-terminológica, explica Nöth (1995), Peirce referiu-se aos três constituintes do signo simplesmente como *signo*, *coisa significada* e *cognição produzida na mente*. Mais tarde, adotou a terminologia, *representamen* para se referir ao primeiro que se relaciona a um segundo e que ele chamou *objeto*, este último que a partir da relação com o primeiro torna-se capaz de determinar um terceiro, Peirce chamou de *interpretante*:

Um signo ou representamen, é tudo aquilo que, sob um certo aspecto ou medida, está para alguém em lugar de algo. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Chamo este signo que ele cria o interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto. Está no lugar desse objeto, porém, não em todos os seus aspectos, mas apenas com referência a uma espécie de idéia (Peirce, citado por NÖTH, 1995: 65).

Concluindo, Prates (2003) justifica que o signo, que nesse universo vai desde o desenho infantil de uma criança até o mais rigoroso tratado de lógica, é concebido como uma tríade formada pelo *representamen*, que funciona como signo para quem o percebe; pelo *objeto*, este que é referido pelo signo; e pelo *interpretante*, que é, por sua vez, o efeito do signo naquele que o interpreta.

4. A SEMIOSE PEIRCEANA

Como bem sabemos, para Peirce, a semiose é o processo no qual o signo tem um efeito cognitivo sobre o interpretante. E como podemos perceber, na definição da categoria de terceiridade dada mais acima por Peirce, o termo semiose nos aparece de forma bastante relevante para o fenômeno em análise. Isso se dá, explica Simões (2001), porque a semiose ou produção do significado é o objeto principal da investigação semiótica.

Para Nöth (1995), Peirce adaptou o termo semiose de um tratado do filósofo epicurista Filodemo. Em outra definição, onde usou a palavra grega, ele dizia: “*semeiosis* significa a ação de quase qualquer signo, e a minha definição dá o nome de signo a qualquer coisa que assim age (Peirce, citado por NÖTH, 1995: 66)”.

Dessa forma, percebemos que para Peirce, a interpretação de um signo é um processo dinâmico na mente do receptor. Peirce introduziu o termo semiose para caracterizar tal processo, referido como a ação do signo. Por isso, para definir a semiótica peirceana é preciso dizer que não é bem o signo, mas é a semiose que é seu objeto de estudo. Numa de suas definições, Peirce diz que a “*semiótica* é a doutrina da natureza essencial e das variedades fundamentais de semiose possível (Peirce, citado por NÖTH, 1995: 66)”.

Nos moldes da teoria em foco, sem a semiose seria impossível qualquer produção de signo e isso se dá a partir das demais categorias que antecedem a terceiridade. Por esse motivo, Peirce sempre buscou perpassar a idéia de que a semiose é um processo que começa e termina na mente do interpretante. Se bem que para alguns estudiosos, este é um exemplo de processo que nunca acaba, pois, possivelmente, é retomado.

O que promove frequentemente esse desarranjo entre os estudiosos do fenômeno em análise é a existência de uma confusão entre dois processos, o de criação de signos e o de interpretação de signos. No processo de semiose temos a criação de novos signos e a modificação de alguns signos, algo como pensar é criar signos ou transformá-los, mas

também temos, e isso é muito importante, um olhar para o percurso de significação promovido pelos signos na mente interpretadora.

Todavia, o primeiro nível do processo de semiose, onde o embate de signos cria e modifica signos, não deve ser confundido, jamais, com o segundo nível do processo, onde o impacto causado pelo signo, promove no interpretante, ou melhor, na sua mente, a significação.

Uma coisa é combinar signos e a partir dessa combinação gerar outros signos e modificá-los, outra, bastante diferente, é a reação promovida por esses signos na mente do interpretante.

Como enfatiza Nöth (1995), na teoria de Peirce cada signo cria um interpretante que, por sua vez, é representamen de um novo signo. Dessa forma, a semiose resulta numa série de interpretantes sucessivos, *ad infinitum*. Não há nenhum primeiro nem um último signo neste processo de semiose ilimitada.

Todavia, explica o autor, nem por isso a idéia de semiose infinita implica um círculo vicioso, ao contrário, refere-se à idéia de que pensar sempre procede na forma de um diálogo – um diálogo entre várias fases do ego. De maneira que, sendo dialógico, se compõe essencialmente de signos.

E mais, utilizando as palavras de Peirce, Nöth (1995) acrescenta que como cada pensamento tem de dirigir-se a um outro, o processo contínuo de semiose (ou pensamento) só pode ser interrompido, mas nunca realmente finalizado.

Todavia, nos apegamos ao pensamento de Peirce, onde este enfatiza que a semiose é o processo de geração de signos, de criação de novos signos. Dessa forma, acreditamos que com o processo de semiose geramos signos, isto é, criamos novos signos. Um signo pode se fundir a outro, se aglutinar a outro para gerar um novo signo, para criar uma espécie nova de signo, como manda a regra, mas este outro signo gerado, criado, ou melhor, modificado, a partir de um primeiro, jamais será o mesmo signo. Um signo modificado será sempre um novo signo.

A mulher, por exemplo, que na idade média vivia sob a restrição de alguns atos permitidos unicamente aos homens continua sendo a mesma mulher nos nossos dias? Claro que não. A mudança promovida com a evolução dos tempos lhe assegura, ao menos, direitos que nem de longe àquela imaginava alcançar. O signo “mulher” continua a existir, mas seria, no mínimo, insensível não reconhecer o seu papel nos dias atuais, não reconhecer a sua mudança. Aquela mulher do passado morreu e cedeu o seu espaço a uma nova mulher. Assim sendo, o termo “mulher” possui outro significado para a sociedade atual.

5. OUTROS OLHARES À TRIÁDE SEMIÓTICA

5.1. SINTAXE, SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

Como se observa na obra de Lopes (1977), assim como Peirce, Morris ocupou-se em descrever o estudo dos signos em três pontos de vista: com o próprio signo, o objeto e o interpretante, ou como preferia, o sintático, o semântico e o pragmático.

Segundo o autor, essa tríade idealizada por esses pensadores se dava da seguinte forma: o sintático são as relações que um signo mantém com os demais signos que pertencem a um mesmo enunciado, o semântico é a relação de um signo enquanto veículo de informação, e o pragmático é a relação de um signo entre o remetente e o destinatário.

Pinto (2001), explica que ao travar contato com o círculo de filósofos de Viena, Morris sabe da proposta de Carnap de dividir as investigações sobre linguagem em três campos: “a Sintaxe, que trataria da relação lógica entre as expressões; a Semântica, que trataria da relação

entre expressões e seus significados; e a Pragmática, que estaria responsável por tratar da relação entre expressões e seus locutores e locutoras.” (p. 52)

A autora remete essa partição aos três pontos cruciais da significação peirciana: “o signo propriamente, em Carnap, destacado pela idéia de que uma área, a Sintaxe, poderia tratá-lo; o significado, ou a que remete o signo, tratado na Semântica; e a pessoa que interpreta o signo, tratado, de acordo com Carnap, pela Pragmática.” (p. 52)

Pinto (1977) explica que se analisarmos as relações entre expressões, abstraindo as entidades designadas e os usuários, estaremos fazendo sintaxe; já se abstraindo as relações entre as expressões e os usuários e nos interessarmos apenas pelas entidades designadas, estaremos fazendo semântica; finalmente, se nos voltarmos para os usos que o usuário faz das expressões, sem levar em conta as entidades designadas ou as relações entre expressões, faremos pragmática.

Segundo Guiraud (1986), o processo semiótico, a semiosis (aquilo que chamamos significação), implica três fatores: os locutores, a coisa significada e o signo. (grifo nosso)

Dessa forma, compreende três divisões: a Pragmática, da qual participam todos os estudos referentes aos locutores; a Semântica, que estuda as relações entre o signo e a coisa significada (*designatum*) sem referência aos locutores e; a Sintaxe, ou estudo das relações formais entre os signos, independentemente das coisas que eles exprimem e dos locutores que os empregam.

5. 2. GRAMÁTICA PURA, LÓGICA PROPRIAMENTE DITA E RETÓRICA PURA

Utilizando outros termos, Santaella (1996) explica que a Lógica ou Semiótica se divide em três ramos: Gramática Pura, o que deve ter o signo para que possa incorporar qualquer significado; Lógica Propriamente Dita, a ciência formal das condições de verdade das representações; e Retórica Pura, condições, através das quais um signo dá nascimento a outro e, especialmente, um pensamento provoca outro.

Nesta visão, conclui-se que a Gramática Pura seria a parte da Semiótica que se responsabilizaria pela forma do signo, a representação gráfica de uma idéia por exemplo, o significante nos moldes saussuriano. À Lógica Propriamente Dita, caberia cuidar do sentido deste signo, o significado contido na forma representada, no significante. Já a Retórica Pura, dar-se-ia ao trabalho de analisar como se mantém essa relação entre a forma e o conteúdo do signo no plano social. Cabe a esta última, por sua cobertura, a observação, a análise e a efetivação das duas primeiras dentro da cultura humana.

5. 3. DESCRIÇÃO, NARRAÇÃO E DISSERTAÇÃO

Santaella (1996) explica que as categorias da semiótica de Peirce, primeiridade, secundidade, terceiridade são, na verdade, categorias do conhecimento, isto é, modos de apreensão dos fenômenos na consciência, ou, as três espécies de elementos que a percepção atenta pode decifrar no fenômeno, ou ainda, uma tábua de concepções extraídas da análise lógica, aplicáveis ao ser.

A autora sugere um olhar para uma outra possível tríade semiótica, que partiria da área responsável pelo tratamento com o texto. Poderia, assim, existir alguma relação entre a descrição, a narração, e a dissertação, com as três categorias peirceanas anteriormente mencionadas.

Segundo Santaella (1996), a linguagem descritiva representa uma tentativa de se traduzir, através do verbal, o mundo das qualidades aparentes das coisas. Representa, portanto, a pretensão de se transcrever aquilo que é primeiro, apreensão positiva e simples das qualidades. Esta linguagem “tende a se aproximar do primeiro modo de apresentação dos

objetos na consciência” (p. 191). Isto é, tende a registrar pelo e no verbal esse primeiro modo de apreensão.

Já as características da narrativa parecem bastante semelhantes à segunda categoria de Peirce. Ela seria um modo de organização da linguagem que tende a registrar, através do convencional, o signo lingüístico, esse universo. Isso, a partir dos fatos existenciais, da dualidade agente-paciente, do esforço / resistência, “do agir sobre objetos externos e sobre o próprio eu.” (p.192)

A relação entre a terceira categoria e a dissertação, tornar-se evidente quando se procura, detidamente, examinar em que consiste a dissertação. A autora explica que “quando falamos em dissertação estamos falando em conceituações, estabelecimento de leis gerais, formulações abstratas. Em suma, estamos no hábitat do intelecto.” (SANTAELLA, 1996, p.193) . São operações da mente que se traduzem em leis e tipos gerais, ou seja, em conceitos, as ocorrências que se repetem e que se tornam hábito.

De forma resumida, acrescenta Santaella (1996):

enquanto na linguagem descritiva estamos diante do registro verbal dos ‘sentimentos de qualidade’ que as coisas despertam em nós, na narração diante do registro de atos concretos, experiências singulares [sejam existenciais ou ficcionais, isso não importa, no caso], na dissertação estamos diante de uma realidade que tem um modo de expressão puramente intelectual, racional, e como tal de natureza geral, exigindo familiaridade e hábito. (p.194)

6. CONCLUSÃO: AMÉM

Como foi observado no início do texto, apesar de para alguns cristãos não ser nada fácil compreender e aceitar essa divisão de Deus em três partes, como nos moldes da Santíssima Trindade, no que concerne à Semiótica, não há tanta resistência quanto a sua divisão em três partes. Aliás, vê-se esta tríade, como uma forma, simpática, de organização dos estudos voltados para o signo.

Contudo, Santaella (1996) explica que para Peirce o signo não é uma relação triádica simples, mas sim um complexo de relações triádicas que só entranhando essas relações podemos captar a dinâmica radicalmente dialética entre o signo e a mente interpretadora. E que ao mesmo tempo em que o signo é um mediador entre o homem e o mundo, o homem é, também, um mediador entre um signo e outro signo.

Nesta medida, o que na verdade chamamos consciência, comparece como um locativo, lugar onde se opera a passagem que leva à mudança de um signo em outro. É por isso que Peirce sempre declarava que a consciência não é o homem e sim que ela está no homem.

Acrescentando, Santaella (1996) enfatiza que:

O homem só conhece o mundo porque de alguma forma o representa e só interpreta essa representação numa outra representação que Peirce chama interpretante da primeira. Daí que um signo seja uma coisa de cujo conhecimento depende o conhecimento de uma outra coisa - que chamamos mundo ou realidade, ou seja lá o que for. Daí que, para o homem o signo é um primeiro, o mundo, e inclusive o próprio homem, é um segundo e o interpretante um terceiro. Para conhecer e se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos. (SANTAELLA, 1996, p.30)

Assim sendo, como a consciência remete à terceiridade e que como vimos a terceiridade e a pragmática confundem-se, Peirce, com a declaração que lhe acompanhou em vida e que não cala em nossos dias, quis dizer que se a consciência está no homem é porque a pragmática corre em nossas veias e isso se traduz como sendo o homem um ser pragmático, como não cansava de proclamar Peirce. Mais especificamente, o homem se apresenta como sendo o interpretante do signo.

E ainda, poderíamos ampliar um pouco mais o pensamento peirciano, o homem não é só um ser pragmático, antes de ser interpretante (terceiridade – pragmática) ele é representamen/forma (primeiridade – sintaxe) e objeto/significado (segundidade – semântica).

Na verdade, somos seres gerados a partir de um processo de semiose sócio-cultural amplo (criados por Deus e modificados pela sociedade), e nos apresentamos como um composto formado por uma tríade semiótica (sentimento, sensação e cognição) dotada de tamanho poder de análise, somos seres complexos, seres semióticos.

REFERÊNCIAS

- GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1986.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.
- NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, F & BENTES, A. (ORGS) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: 2V, Cortez, 2001.
- PINTO, Milton José. **Análises Semânticas de línguas naturais: caminhos e obstáculos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.
- PRATES, Eufrasio. **Semiótica**. [S. l.], 2002. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Eureka/8979/semiotic.htm>>. Acesso em: 29 ab. 2003.
- RODRIGUES, J. Resina. **Peirce (Charles Sanders)**, in logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Lisboa: V4, Editorial Verbo, 1992.
- SANTAELLA, Lúcia. **Produção de linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- SANTANA, Silvio de. **Reflexões sobre linguística, comunicação e Semântica**. In: AZEVEDO, José Carlos de. (ORG). **Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: cultrix, 1971.
- SIMÕES, Darcilia. **Semiótica na comunicação linguística: um instrumental indispensável**. In: AZEVEDO, José Carlos de. (ORG). **Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.